

A METAFÍSICA DE C. S. PEIRCE: DO PRAGMATISMO AO IDEALISMO OBJETIVO

C. S. Peirce's Metaphysics: from Pragmatism to Objective Idealism

Wellistony C. Viana *

Charles Sanders Peirce é bastante conhecido por sua Semiótica, mas pouco por sua Metafísica. O presente artigo pretende percorrer a sua passagem do Pragmatismo ao seu Idealismo objetivo. A Metafísica torna-se 'científica' quando submetida aos princípios da matemática, lógica e fenomenologia. Para Peirce, também a Metafísica elabora hipóteses a partir do método da abdução, que devem ser 'verificadas'. Ela constitui a maior expressão das categorias próprias da fenomenologia, a saber: Primeiridade, Segundidade e Terceiridade, que ajudarão na construção da tríade de sua cosmologia evolucionária: tiquismo, sinequismo e agapismo. É na teoria do sinequismo que Peirce afirma a continuidade entre matéria e espírito que o leva a assumir o Idealismo objetivo como a única posição capaz de explicar de forma competente a compreensão científica do universo.

Palavras-chave: Metafísica, Peirce, idealismo objetivo, pragmatismo, realismo.

Abstract: Charles Sanders Peirce is well known for his Semiotics, but little known for his Metaphysics. This paper intends to follow the author's passage from Pragmatism to Objective Idealism. Metaphysics becomes scientific when subjected to the principles of mathematics, logic and phenomenology. For Peirce, Metaphysics also develops hypotheses based on the method of abduction, that

* Doutor em filosofia pela Hochschule für Philosophie de Munique-Alemanha. Coordenador e professor do curso de filosofia do ICESPI (Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí) e professor do mestrado em Ética e Epistemologia da UFPI. Artigo submetido a avaliação no dia 29/04/2012 e aprovado para publicação no dia 26/06/2012.

ought to be verified. Metaphysics is the greatest expression of the categories of phenomenology, namely: Firstness, Secondness and Thirdness that help construct the triad of his evolutionary cosmology: Tychism, Synechism and Agapism. Synechism is the theory in which Peirce affirms the continuity between matter and spirit that leads him to assert that objective Idealism is the only position to competently explain the scientific understanding of the universe.

Key-words: Metaphysics, Peirce, objective idealism, Pragmatism, realism.

A principal intenção deste trabalho não é somente filosófica, mas também política e cultural. Vivemos em tempos de pluralismo em que parece termos superado, pelo menos no campo do pensamento, o “reinado” da filosofia. Hoje não há espaço para a tirania do dogmatismo e do absolutismo da metafísica clássica que, no dizer de muitos, subjugava a diversidade a um princípio unificador arbitrário.

Na luta contra o “fundacionalismo” apareceu o “anti-fundacionalismo” para dizer que não existem “donos da verdade” na ciência, nem mesmo “uma só verdade” sobre o mundo. A verdade é um fenômeno diversificado e faz-se mister respeitar este pluralismo. Esta parece ser a posição de Richard Rorty, o fundador do neo-pragmatismo nos Estados Unidos. Embora Rorty refira-se geralmente a J. Dewey, ele reconhece a importância de Charles Sanders Peirce e sua concepção de falibilidade para sua posição não-fundamentalista.

Apesar de ter contribuído para enfraquecer posições absolutistas, o anti-fundamentalismo trouxe consigo outro problema tão sério quanto o absolutismo medieval: o relativismo puro. Este pretende eliminar qualquer traço de objetividade em relação à verdade, levando não somente a ciência, mas também a ética, ao total enfraquecimento de seus princípios. O espírito de nosso tempo parece até exigir um movimento contra “verdades objetivas” com o intuito de dar espaço à democracia e ao pluralismo. Este preconceito se impõe com tal força como se “verdade objetiva” e respeito pela diversidade fossem conceitos contraditórios.

Pretendo mostrar que não se pode invocar a filosofia de Peirce para sustentar um relativismo puro. O conceito de falibilidade não contribui em nada com o movimento contra uma verdade objetiva, embora ele arruíne, e com razão, a ingênua pretensão de se chegar à “toda verdade sobre tudo”. Peirce é um bom exemplo de como se pode ser ao mesmo tempo democrático e não-cético, respeitoso da diversidade sem perder a objetividade. Ele realiza um interessante diálogo entre pragmatismo e metafísica, inaugurando, assim, seu Pragmaticismo.

Peirce considera a metafísica uma *hipótese* (pelo método da *abdução*) que deve ser “provada” no mundo real, especialmente em diálogo com outras

ciências. No final, Peirce professa sua veneração pela verdade e pela ciência ao mesmo tempo em que demonstra os limites do conhecimento humano. O presente trabalho termina com as conclusões cosmológicas de Peirce advindas de seu Idealismo objetivo.

1. As fases da filosofia de Peirce

É difícil organizar o trabalho de Peirce. Ele não foi muito sistemático, escrevendo geralmente artigos que foram publicados em livros de referência ou revistas como *The Monist*. Apesar disto, a obra de Peirce inclui cerca de 12.000 páginas que foram reunidas em várias coleções depois de sua morte¹. Muitos tentaram organizar suas ideias em fases. Por exemplo, Max Fish dividiu a filosofia de Peirce em três fases:

- 1) O período de Cambridge (1851-1870), a partir da leitura da Lógica de Whately até a publicação de seu livro de *Memoir on the logic of relatives*;
- 2) O período Cosmopolitano (1870-1887), quando Peirce viajou bastante pela Europa, EUA e Canadá, conseguindo escrever seus mais importantes trabalhos científicos.
- 3) O período árabe (1887-1914), a partir de sua mudança para Milford, Pennsylvania até a sua morte².

Outros, como Murray Murphey, dividem o trabalho de Peirce em quatro fases: 1) período kantiano (1857-1865/66); 2) a fase em que ele descobriu a irredutibilidade das três figuras silogísticas (1866-1869/70); 3) a fase em que descobriu a lógica das relações (1869/70-1884), e 4) a fase em que descobriu a quantificação e começa a fazer a síntese de sua teoria, até a sua morte (1884-1914).

¹ Faço referência somente às obras mais importantes: „*Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, edited by C. Hartshorne, P. Weiss (B. 1-6), und A. Burks (B. 7-8) (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-58); Esta obra é abreviada neste artigo com a sigla CP. “*The Century Dictionary*, William D. Whitney, chief editor, 10 vol. (New York: The Century Co., 1895). “*The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings*, (vem citada com a sigla EP) edited by Nathan Houser and Christian Kloesel (vol. 1), (Bloomington: Indiana University Press, 1992), e a Peirce Edition Project (vol. 2), (Bloomington: Indiana University Press, 1998). “*Historical Perspectives on Pierce’s Logic of Science*, edited by Carolyn Eisele, 2 vol. (Berlin: Mouton, 1985). “*Charles Sanders Peirce: Contributions to The Nation*, edited by Kenneth Laine Ketner and James Cook, 4 vol. (Lubbock: Texas Tech University Press, 1975-87). “*The New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce*, edited by Carolyn Eisele, 5 vol. (The Hague: Mouton, 1976). “*Reasoning and the Logic of Things*, edited by Kenneth Laine Ketner, Introduction K. L. Ketner and Hilary Putnam (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992). “*Semiotic and Significs: The Correspondence Between Charles S. Peirce and Victoria Lady Welby*, edited by Charles S. Hardwick (Bloomington: Indiana University Press, 1977). “*Writings of Charles S. Peirce: A Chronological Edition*, edited by Max Fisch, Christian Kloesel and Nathan Houser et al. (Bloomington: Indiana University Press, 1982-).

² Cf. HOUSER, N. *Introduction*, EP, B. 1. p. XXIII.

Neste trabalho vamos dividir a obra de Peirce de forma mais simples, apenas em duas fases: a fase *precoce* e a *tardia*, como fazem outros autores e enciclopédias³. Que critério temos para preferir esta divisão a outras? Em nossa opinião, existem dois grandes momentos no Pragmatismo de Peirce: o *primeiro Peirce* a partir de 1870, quando ele publicou seus primeiros trabalhos sobre o pragmatismo, desenvolvendo um método capaz de dar clareza às frases, enfatizando a verificabilidade empírica como o meio de provar o sentido de uma frase; o *segundo Peirce* a partir de 1900, quando ele mais uma vez se ocupa do pragmatismo, especialmente contra as posições de Willian James. Nesta fase, Peirce desenvolve seu chamado *Pragmaticismo* a partir de uma visão metafísica até chegar ao seu *idealismo objetivo*.

1.1 A fase precoce

A fase precoce começa com o famoso artigo “*Como tornar claras nossas ideias*”, de 1878. Nesse artigo, Peirce oferece três critérios ou níveis de clareza:

- 1) Quando você usa um termo de forma inconsciente na vida cotidiana;
- 2) Quando você é capaz de oferecer uma definição geral ou abstrata do termo;
- 3) Quando você pensa nos efeitos que se podem esperar do termo.

Embora se tenha necessidade dos três níveis para se chegar à clareza de uma frase, a última etapa corresponde a um maior nível de exatidão. A máxima do pragmatismo do primeiro Peirce pode-se resumir da seguinte forma: “... Se alguém conseguir definir com precisão todos os fenômenos experimentais concebíveis que a afirmação ou negação de um conceito poderia implicar, ele teria então uma definição completa do conceito, e *não há absolutamente mais nada nele*”⁴. Com este método Peirce procura levar a filosofia pela estrada das ciências empíricas (como Kant tentou fazê-lo uma vez), construindo uma *teoria do significado* que, no final, também se torna uma *teoria da verdade*. Cada frase deve ter a sua verificação na realidade, caso contrário não faz sentido pronunciá-la.

A verificação requer um experimento capaz de ilustrar o conceito. Peirce usa o exemplo da *dureza* de um diamante. O termo “*dureza*” não pode ser utilizado para o diamante, enquanto tal “*dureza*” não for constatada *no*

³ Cf. THE INTERNET ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY: C. S. Peirce's Pragmatism. Disponível em: <http://www.iep.utm.edu/peircebi/>. Acesso em: 06 abril 2012.

⁴ CP 5. 412 (*a tradução será sempre nossa*).

diamante. Consequentemente, não há diferença entre a *dureza* e a *maciez* de um diamante antes que ele seja tocado⁵.

A proposição clara significa aqui apenas uma *hipótese* sobre a realidade, o que deve ser verificado pela evidência empírica. Se eu não tenho nenhuma dúvida sobre o efeito prático de um conceito particular, então posso usá-lo com segurança. Pode-se simplesmente dizer: “Se isto é desta forma como penso (acredito), então deve acontecer isto ou aquilo”. Assim, “isto ou aquilo” deve ser considerado de forma geral, isto é, deve-se pensar em todos os efeitos possíveis que podem ocorrer a partir desta convicção a fim de obter a clareza de um conceito. O significado do termo corresponde à lista de efeitos práticos que dele podem surgir. Neste sentido, ideia e significado exercem papel importante para garantir a clareza. Em resumo, quando você aufere todos os efeitos de um termo, então você compreende com clareza o significado deste mesmo termo. Se não houver nenhum efeito, não haverá nenhum sentido!

A partir disso, Peirce chega a duas conclusões:

- 1) O método pragmático fornece um caminho sólido para sustentar nossas convicções. Isto significa que somente a partir deste caminho se pode distinguir a direção correta da falsa para aumentar a “verdade” da ciência.
- 2) Ele também evita a imaginação vazia dos metafísicos, que frequentemente introduzem proposições sem sentido, ou seja, sem dar a possibilidade de uma prova prática, o que traz consigo o problema de não oferecer critérios sólidos para diferenciar as proposições verdadeiras das falsas.

Este tipo de pragmatismo foi reelaborado por Peirce nos primeiros anos do século vinte, o que nos convida a entrar na segunda fase de seu pensamento.

⁵ Cf. PEIRCE 1992-94, vol. II, p. 131. Que tipo de relacionamento teve o precoce pragmatismo de Peirce com o positivismo lógico? Isto é particularmente importante para compreender qual a posição de Peirce acerca das proposições metafísicas comparada com a dos positivistas. Na verdade, Peirce não tem a intenção de destruir a metafísica, como teve o chamado “Círculo de Viena”. Ele queria conduzir a metafísica pelo caminho da *clareza*. De qualquer forma, a relação do primeiro Peirce com o positivismo e nominalismo é muito próxima. A diferença das posições torna-se clara no Peirce tardio. Essa é a tese principal deste artigo que procurará demonstrar que o pragmatismo de Peirce difere da posição dos positivistas, no momento em que defende que uma proposição clara deve ser *verificável*, mas nem sempre pode ser *verificada* porque fala sobre o futuro. Somente com esta distinção pode-se salvaguardar a previsibilidade das ciências empíricas. Peirce viu o problema dos positivistas no fato de exigirem uma evidência empírica como critério último de verdade concebendo, assim, a metafísica como uma “praga do conhecimento”. Peirce leva, portanto, seu Pragmatismo inicial na direção de uma metafísica científica.

1.2 A fase tardia

Peirce não falou sobre seus primeiros trabalhos por quase vinte anos. Foi Willian James quem usou os conceitos de Peirce num sentido mais amplo para desenvolver seu pragmatismo. Como Peirce não estava de acordo com a nova concepção desenvolvida por James e Schiller, ele começou novamente a lidar com o pragmatismo. Daí vem o nome de *Pragmaticismo*, ao invés de Pragmatismo, como ele mesmo acentua:

Bem, o escritor, encontrando seu pirralho 'pragmatismo' tão promovido, sente que é hora de beijar seu filho com um adeus e cedê-lo ao seu destino mais elevado; para servir ao objetivo preciso de expressar a definição original, ele pede para anunciar o nascimento de 'pragmaticismo', que é uma palavra feia o suficiente para ser salva de raptos.⁶

Desde o início do século vinte Peirce elabora a nova concepção de Pragmaticismo nas palestras de Harvard e no jornal *The Monist*. Nesta fase, ele está preocupado com a real existência da *possibilidade* e defende, por isso, um idealismo objetivo. A grande diferença desta fase com a anterior torna-se patente na afirmação sobre a dureza do diamante. Peirce admite que, mesmo que o diamante não seja tocado, ele não deixa de ser duro! Neste sentido defende Peirce uma preferência pela ontologia em lugar da epistemologia. Mesmo que não saibamos que o diamante é duro, ele continua a ser duro porque essa é uma de suas propriedades. Peirce admitiu que seu primeiro parecer foi influenciado pelos preconceitos do nominalismo, e assim ele decide se aproximar mais do realismo escolástico, especialmente de Duns Scotus.

Foi muito importante a transição do quase-nominalismo e precoce idealismo para um *ideal-realismo*, como o próprio Peirce chama sua nova concepção: o ideal-realismo é "uma doutrina metafísica que combina os princípios do idealismo e realismo", que significa o seguinte: a "opinião de que a natureza e a mente têm uma comunhão entre si capaz de dar aos nossos palpites uma tendência em direção à verdade, ao mesmo tempo em que eles requerem a confirmação da ciência empírica"⁷. O nominalismo é uma concepção que afirma serem os termos gerais apenas ferramentas, isto é, nomes para interpretar a realidade, mas que não possuem nenhuma relação com a realidade. O Realismo, por outro lado, afirma que os termos gerais falam sobre a própria realidade, ou ainda, eles próprios também são reais.

O movimento do nominalismo para o realismo, de acordo com Max Fish, foi lento e Peirce deu passos bem determinados⁸. O primeiro passo foi em

⁶ CP 5.414.

⁷ HOUSER, Nathan, *Introduction*, EP, B. 1. p. xxiv-v.

⁸ Cf. *Ibid.* p. xxv.

1868, quando Peirce escreveu o artigo “Declares unobtrusively for realism” e o segundo foi em 1871, quando publicou o artigo “The realism of Scotus”. Neste último artigo Peirce aprecia o realismo escotista, mas não sem algumas restrições. Por exemplo, quando Scotus escreve sobre o universal, ele afirma que este fala de fato sobre a realidade, porque o universal existe em qualquer caso particular, mesmo que não exista em si mesmo, como afirmara Platão. Peirce tem outra opinião. O universal tem também uma abstrata existência em si, tal como as leis da natureza. Estas existem como hábitos da natureza, não sendo dependentes dos casos particulares.

O quarto passo rumo ao Realismo foi, de acordo com Fisch, em 1872, no *Metaphysical Club*, onde Peirce afirmava que o pragmatismo fala sobre o futuro e não sobre o passado: “[...] a existência de uma cognição não é algo atual, mas consiste no fato de que, sob algumas circunstâncias, outra cognição surgirá”⁹. Fisch divide o movimento de transição para o realismo em duas fases: a pré-monista (1872-1890) e a monista (1891-1914)¹⁰. Nestas fases, Peirce começa a defender uma posição ideal-realista e vai na direção de suas mais profundas concepções metafísicas.

Na fase monista Peirce escreve particularmente sobre a realidade da *possibilidade*, sua teoria da probabilidade, e desenvolve suas categorias do ser (Primeiridade, Segundidade e Terceiridade). Peirce usa aqui proposições mais no subjuntivo que no indicativo, ou como ele mesmo diz: *would-be sentences* (*frases tipo poderiam-ser*). Neste sentido, a ênfase é dada ao mundo das possibilidades e não ao mundo real. O que significa isso? Isto significa que, mesmo que essas possibilidades não sejam atualizadas, elas *poderiam ser*, se as circunstâncias *aparecessem*. A realidade não depende, portanto, da realização concreta da possibilidade, ou melhor, a realidade não é *somente* o mundo atual, mas também os *mundos possíveis*. Na citação abaixo fica claro o que Peirce entende por realidade:

Quero dizer que o que realmente existe, em última análise, consiste naquilo que deve nos obrigar na experiência, que há um elemento de compulsão bruta nos fatos, e isto não é uma mera questão de razoabilidade. Assim, se eu disser: ‘Vou dar cordas ao meu relógio todos os dias enquanto eu viver’, eu nunca poderei ter uma experiência positiva que certamente abranja tudo o que é prometido aqui, porque nunca saberei com certeza quando será o meu último dia. Mas, o fato real que será não depende de minha representação, mas das reações vivenciais que sobrevirão.¹¹

Uma vez que nosso trabalho lida com a posição ideal-realista de Peirce, devemos nos ocupar agora com o seu conceito de *verdade*.

⁹ W 3: 77.

¹⁰ Estas fases são assim chamadas porque compreendem o tempo em que Peirce escreveu para a revista *The Monist*.

¹¹ EP 13, II, 1. p.182.

2. Realismo e Verdade

O que é Pragmaticismo? É este um método que reduz a verdade a um efeito prático como afirmava William James? Podemos dizer que a verdade para Peirce é sempre empírica? Em nossa opinião, não! Embora se reconheça que Peirce pretendia elaborar apenas uma teoria do significado e não uma teoria da verdade. Pode-se, então, falar em *verdade* na filosofia de Peirce? Não seria melhor falar apenas sobre *crenças*?

Existem muitos tipos de verdade, segundo Peirce: há uma *verdade transcendental* (que pertence à coisa enquanto coisa e, embora não saibamos nada sobre ela, não deixa de ser o que é), a *verdade ética*, ou melhor, a *veracidade* (ela é a concordância das proposições com a crença do falante) e a *verdade lógica* (é a correspondência entre as proposições e a realidade)¹². O conceito de “verdade” se ajusta ao sentido das proposições e, como já foi dito, à experiência empírica. Mas a redução da “verdade” à experiência empírica é dada apenas de forma aparente. Quando a experiência falsifica uma proposição, deve-se concluir que ela é absurda e, portanto, falsa. Mas esta experiência não é necessária. Se uma experiência *puder* falsificar uma proposição, ela será falsa. Se uma experiência *não puder* falsificar uma proposição, então ela é verdadeira. O ponto não é, portanto, a experiência em si, mas uma *possível* experiência. Peirce usa muitos exemplos para demonstrar este fato. Em seu artigo “Os Sete Sistemas da Metafísica”, afirma ele:

Eis aqui uma pedra. Agora eu coloco a pedra em uma posição em que não haverá nenhum obstáculo entre ela e o chão; eu irei prever com confiança que, assim que eu soltar a pedra, ela cairá no chão. Vou provar que posso fazer uma previsão correta através de uma tentativa atual se você quiser [...]. Permanece verdade que eu *sei* que essa pedra vai cair, como um fato, assim que eu deixá-la cair. Se eu *verdadeiramente sei* algo, isto que sei deve ser *real*.¹³

Eu não preciso deixar cair a pedra, apesar disto, eu sei que ela vai cair. Mas o que acontece quando uma experiência empírica *não puder* falsificar uma proposição? Poder-se-ia concluir que ela é verdadeira? Sim! Estas são as proposições matemáticas. A sua verdade consiste na “impossibilidade de se encontrar um caso em que ela falhe”¹⁴. Elas são, portanto, proposições necessárias. E o que acontece se uma experiência empírica ainda não falsificou, mas *poderia* falsificar uma proposição? Poder-se-ia concluir daí também sua verdade? Sim e não! Sim, porque ela será *considerada* “verdadeira” (crença) até o momento em que nenhuma dúvida apareça!

¹² Cf. Copleston, F., *A History of Philosophy*, vol. VIII. Image Books, 1967. p. 306.

¹³ EP, 13, II, 1. p.181.

¹⁴ CP 5.567.

Não, porque essa “verdade” corresponde apenas a uma *crença* que poderá ser refutada no futuro. Mas, não se pode concluir daqui *nem* que Peirce afirma que a verdade é o mesmo que uma verificação empírica, *nem* que a verdade e a crença são a mesma coisa. O que significam para Peirce os termos *verdade* e *crença*?

Com exceção das proposições matemáticas, todas as outras proposições são hipotéticas e, por conseguinte, falíveis. Em outras palavras, a crença é algo *considerado* verdadeiro, enquanto não aparece a dúvida. Isto tem algo a ver com nossa falibilidade, porque nunca podemos saber se essa crença corresponde à verdade absoluta ou não. Por outro lado, podemos saber se ela é falsa, no momento em que a experiência a falsifica. Isto vale, segundo Peirce, para as crenças científicas e metafísicas. Essa crença pode ser verdadeira, é claro, sem que saibamos se realmente este é o caso ou não. Se essa crença fosse verdadeira, sem que eu soubesse, seria ela não mais uma crença, senão uma verdade.

A partir daqui, adquirimos uma concepção de verdade e de crença, de acordo com Peirce. Elas não são necessariamente a mesma coisa. A *crença* é sempre falível, o que não diz simplesmente nada contra uma verdade absoluta e objetiva. Esta constitui o horizonte para a crença. Peirce é, portanto, contra todo tipo de ceticismo¹⁵ ou nominalismo. Sem a certeza de que existe uma verdade objetiva não há nenhuma pesquisa e nenhuma ciência. Peirce afirma: “A verdade consiste na conformidade de algo independente de seu pensar que seja assim, ou da opinião de alguém sobre esse assunto”¹⁶.

Podemos concluir com Peirce que *há* uma verdade absoluta como horizonte último da ciência, mesmo que sua *perfeita* apreensão seja inatingível para a humanidade. Peirce não é um cético! A verdade é possível e vem apreendida num longo processo científico e metafísico.

Somente nestes termos podemos discorrer sobre a metafísica de Peirce, que possui pelo menos duas características importantes:

- 1) Ela é uma hipótese e, portanto, falível;
- 2) Ela afirma a existência de uma verdade absoluta como fim de toda investigação.

¹⁵ Peirce não acredita em uma dúvida absoluta, como fez Descartes. Pensar sem pressuposições é impossível, e uma dúvida real aparece exatamente com muitas outras crenças. Copleston explica este fato: “A dúvida é um estímulo para a pesquisa e, neste sentido, tem um valor positivo. Mas, para duvidar da verdade de uma proposição, temos que ter uma razão para duvidar da veracidade desta proposição ou da proposição da qual ela depende. Qualquer tentativa de aplicar o método da dúvida de forma universal leva simplesmente a uma dúvida fictícia ou fingida. E isso não é, de forma alguma, uma dúvida genuína”. Copleston, F., *A History of Philosophy*, vol. VIII. Image Books, p. 308.

¹⁶ CP 5.211.

Isto significa que o *princípio de falibilidade* não contradiz a tese de uma verdade absoluta e objetiva, nem mesmo serve de argumento para justificar o ceticismo ou o anti-fundacionalismo. Então, como se pode coadunar a falibilidade com a existência de uma verdade absoluta? Peirce distingue dois lugares onde se pode falar de verdade, por um lado, no campo da *ontologia* (o que ele chama de “o universo de toda a verdade”): “Todas as proposições referem-se a um e ao mesmo assunto determinadamente singular ... Ou seja, a verdade, que é o universo de todos os universos, e é assumida de toda forma como real”¹⁷. Por outro lado, pode-se falar de verdade no campo da *epistemologia* (crença): “essa concordância de uma afirmação abstrata com o limite ideal para os quais uma investigação interminável tenderia a trazer uma crença científica”¹⁸. Desta forma, a verdade absoluta e objetiva constitui o *ideal* para as ciências.

3. A hierarquia das ciências e o lugar da metafísica

Peirce participa da lista dos filósofos que tentaram elaborar uma hierarquia do conhecimento. Uma hierarquia das ciências significa a subordinação de alguns princípios a outros princípios gerais. Esta hierarquia é importante porque com ela se pode compreender o que vem em primeiro lugar e o que vem em segundo no pensamento de Peirce. Além disso, pode-se compreender melhor o que significa a metafísica para Peirce e sob quais princípios está ela subordinada.

Peirce fornece a seguinte hierarquia das ciências:

1. Matemática
2. Filosofia
 - 2.1. Fenomenologia
 - 2.2. Conhecimento normativo
 - 2.2.1. Estética
 - 2.2.2. Ética
 - 2.2.3. Lógica
 - 2.2.3.1. Gramática Filosófica
 - 2.2.3.2. Lógica crítica
 - 2.2.3.3. Metódica
 - 2.3. Metafísica

¹⁷ CP 5.506.

¹⁸ CP 5.565.

3. Física

Nesta hierarquia, podemos perceber que a matemática está no topo e que seus princípios são válidos para todo o conhecimento subordinado a ela, ou seja, para a filosofia e para a física. Ele divide a matemática em três níveis:

- I. Matemática Discreta
- II. Matemática do infinito
- III. A lógica matemática ou formal

Certamente teve o pai de Peirce, senhor Benjamin Peirce (1809-1880), um famoso professor de matemática em Harvard e astrônomo, uma grande influência sobre o filho. A Matemática é a ciência que formula construções abstratas, sem referi-las à realidade atual. Ela pode elaborar proposições apenas utilizando a imaginação e tirar da relação entre elas consequências necessárias que se aplicam tanto às realidades criadas na imaginação, como à realidade atual.

A filosofia não pode pensar sem esses primeiros princípios da matemática. Isto é, na verdade, um critério para que suas proposições tenham sentido. Peirce divide a filosofia em três níveis:

- I. fenomenologia: como as coisas são experimentadas
- II. Conhecimento normativo: como se deve agir
- III. Metafísica: o que constitui a realidade

Peirce explica desta forma a importância destes níveis:

A Filosofia é dividida em (a) *Fenomenologia*; (b) *Ciência Normativa* e (c) *Metafísica*. A Fenomenologia verifica e estuda os tipos de elementos universalmente presentes no fenômeno. *Fenômeno* significa o que está presente para a mente a qualquer momento e de qualquer forma. A Ciência Normativa distingue o que deve ser do que não deve ser, e faz muitas outras divisões e arranjos subservientes a sua principal distinção dualista. A Metafísica procura dar conta do universo da mente e da matéria. A Ciência Normativa repousa em grande parte sobre a Fenomenologia e sobre a Matemática; a Metafísica repousa sobre a Fenomenologia e a Ciência Normativa ¹⁹.

O que é importante para nós é o lugar da Metafísica e a questão a quais princípios está ela subordinada. Ela corresponde ao último nível da filosofia, ordenada depois da Fenomenologia e da Ciência Normativa. A Fenomenologia investiga as características gerais dos fenômenos que correspondem às três categorias de Peirce, ou seja: *Primeiridade*, *Segundidade* e *Terceiridade* (*Firstness*, *Secondness* e *Thirdness*). A pergunta da metafísica é a seguinte: a experiência que fazemos das três categorias é real ou não?

¹⁹ 'A Syllabus of Certain Topics of Logic', EP 2:259, 1903.

É necessário notar que a metafísica de Peirce não é uma metafísica *a priori*. Como ela depende da Fenomenologia, deve ela adotar suas próprias hipóteses, deixando-as à disposição de uma “verificação”. Além disso, ela deve seguir os princípios tanto da Matemática como da Lógica²⁰. Somente assim, pode-se assegurar a elaboração de uma “metafísica científica”.

Peirce divide a Metafísica em ontológica, psíquica e física. Estas têm uma relação estreita umas com as outras. Assim assevera Peirce:

A Metafísica pode ser dividida em (i) *Metafísica Geral*, ou ontologia; (ii) *Metafísica psíquica* ou religiosa, preocupada principalmente com as questões sobre (1) Deus (2) Liberdade e (3) Imortalidade; e (iii) *Metafísica física*, que discute a natureza do Tempo, Espaço e Leis da natureza, matéria etc. A segunda e a terceira parecem no momento olhar com um supremo desprezo uma para a outra.²¹

Essas partes constituem uma importante pergunta da Metafísica em geral, a saber: Qual é a relação entre a mente e a física, ou melhor, entre espírito e matéria? São eles dois campos diferentes e separados um do outro? Peirce tenta responder a esta questão na medida que defende seu idealismo objetivo: “o que chamamos matéria não está completamente morta, mas é apenas a mente constrangida através de hábitos”²². Isso corresponde à sua teoria do *sinequismo* sobre o qual discutiremos mais adiante.

Uma vez que entendemos o lugar da Metafísica e os princípios aos quais ela deve estar subordinada, podemos falar sobre a própria ideia de Metafísica que Peirce tem. Há aqui uma série de dificuldades a enfrentar. Porque, por um lado, Peirce desenvolveu um jargão muito complicado para falar sobre este tema. Por outro lado, porque ele justifica sua filosofia relacionando-a de forma estreita com outras ciências como a matemática, a física e a química.

Neste artigo, apresentamos alguns conceitos importantes da Metafísica científica de Peirce, especialmente, as três categorias e a evolução cosmológica. Por fim, vamos fazer alguns comentários sobre o seu idealismo objetivo.

²⁰ “[...] *Filosofia*, que não faz observações especiais, mas usa fatos comumente conhecidos. Para ser exato, ela deve assentar-se sobre princípios matemáticos. Ela divide-se em Lógica, que estuda o mundo do pensamento, e Metafísica, que estuda o mundo do ser; esta última deve repousar sobre os princípios da primeira”. (‘On Quantity, with special reference to Collectional and Mathematical Infinity’, NEM 4:273, c.1895).

²¹ Cf. ‘A Syllabus of Certain Topics of Logic’, EP 2:259-260, 1903.

²² CP 1.172.

4. As categorias: *Primeiridade*, *Segundidade* e *Terceiridade*

Em primeiro lugar, vamos discutir de forma geral a interação entre essas categorias e sua relação com a teoria cosmológica de Peirce. Uma visão geral pode nos ajudar a entender melhor os detalhes que se seguirão.

De acordo com Peirce as três categorias estão presentes em todo o universo, uma vez que tudo está ligado a elas. A partir daqui elabora Peirce sua concepção de “Modos do Ser”. Ele chama as categorias básicas do ser simplesmente de *Primeiridade* (Firstness), *Segundidade* (Secondness) e *Terceiridade* (Thirdness). A *Primeiridade* é o “modo de ser” da *possibilidade* que não deixa de ser real; *Segundidade* é o “modo de ser” da *atualidade*. E a *Terceiridade* nos dá o “modo de ser” que Peirce chama de *destino* (destiny). Esta terceira categoria, como uma lei, regula a realidade no futuro. De acordo com estas três categorias, Peirce estabelece três “modos de existência”:

- 1) “Acaso” – Esta palavra expressa a realidade da liberdade e espontaneidade do mundo;
- 2) “Lei” – corresponde ao resultado da evolução;
- 3) “Hábito”, ou melhor, “Tendência para tornar-se hábito” – Tudo no universo tem essa tendência. Regularidade e Leis da natureza são o resultado de um longo processo desta tendência evolutiva.

Podemos compreender essas três categorias somente em um processo evolutivo. A Metafísica de Peirce está *pari passu* com sua cosmologia. O mundo era no início *puro acaso*, que sofreu ao longo do tempo um processo de racionalização. A evolução do mundo movimenta-se do nível da aleatoriedade, da incerteza e da liberdade até ao nível da lei, da segurança e da racionalidade. Estes dois extremos são, na realidade, uma espécie de abstração. De fato, não se pode imaginar nem uma incerteza absoluta no início do processo, nem uma determinação absoluta no final. Em ambas as abstrações sempre trabalham os dois princípios, ou seja, a aleatoriedade, que Peirce chama de “tiquismo” e a racionalização, que ele chama de “agapismo”. Em outras palavras, o mundo evoluiu do “reino do caos” ao “reino da razão”.

Mas, qual é a causa da evolução? Como poderia o reino da aleatoriedade e criatividade desenvolver-se no reino da razão? Peirce admite que a primeira causa é uma causa final: “A evolução é nada mais, nada menos que a realização de um fim definido”²³. Esse “fim definido” é o *amor*, que funciona como uma força propulsora do universo. O amor (ágape) constitui

²³ CP 1.204.

o princípio que Peirce chama de “agapismo”. O último princípio que completa os demais é o que Peirce chama de “sinequismo”, que corresponde ao princípio da *continuidade* entre matéria e espírito.

Neste último princípio aparece o problema do dualismo entre matéria e espírito. Para Peirce a matéria não é uma “coisa morta”, mas “espírito limitado por hábitos”. Esta tese é defendida pelos adeptos do monismo, tanto materialistas como idealistas. Desse princípio surge o idealismo objetivo de Peirce, na mesma linha de F. Schelling: “A única teoria inteligível do universo é a do idealismo objetivo, em que a matéria é mente decadente, hábitos empedernidos tornando-se leis físicas”²⁴.

É neste contexto que surge a pergunta: Quem ou o que é a causa eficiente desta evolução? Peirce afirma que os três princípios, ou seja, tiquismo, agapismo e sinequismo estabelecem uma “hipótese” (por *abdução*) de um Criador que deve ser “verificada”. Os três mundos “dão à luz a hipótese e, em última análise, a crença de que eles, ou pelo menos dois dos três, têm um Criador independente deles”²⁵. Ele denomina essa hipótese de “argumento negligenciado” em seu artigo “Um argumento negligenciado para a realidade de Deus”, de 1908. Vamos agora discutir esses princípios metafísicos de forma mais detalhada.

4.1 Primeiridade: o mundo da espontaneidade

Peirce viveu numa época em que a química e a física estavam na fronteira de uma nova era. A física de Newton foi sempre capaz de explicar muitos fenômenos na natureza, mas outros, como a liberdade e a espontaneidade, não se encaixavam na determinação das leis naturais que Newton tinha descoberto²⁶. Peirce acompanhou o desenvolvimento dos novos conceitos da química e física no final do século dezenove. A descoberta da Segunda Lei da Termodinâmica (*Lei da entropia*) por Sadi Carnot (1796-1832), Rudolf Clausius (1822-1888) e William Thomson (mais tarde conhecido como Lord Kelvin, 1824-1907)²⁷ foi responsável pela elaboração da teoria cinética dos

²⁴ CP 6.25.

²⁵ CP 6.483.

²⁶ A pesquisa de Maxwell no campo da eletrodinâmica e de Bohr e Heisenberg no campo da física quântica deram uma nova compreensão da física no início do século vinte capaz de revolucionar o conceito de matéria até então vigente.

²⁷ “O que era originalmente conhecido como o princípio de Carnot — uma descrição do fluxo irreversível do calor dos corpos quentes para o frio — se tornou, através da teoria cinética dos gases, a Segunda Lei da Termodinâmica. Kelvin foi um defensor precoce da ideia de que o objeto principal da termodinâmica era o estudo de processos irreversíveis”. REYNOLDS, A., *Peirce’s Scientific Metaphysics: The Philosophy of Chance, Law, and Evolution*. Vanderbilt University Press. 2002. p. 41s.

gases por Clausius, Maxwell e Boltzmann, da qual pôde surgir a *teoria das probabilidades*²⁸. Sem mencionar aqui a grande contribuição no campo da física dada por Bohr e Heisenberg.

Todas estas descobertas eram um sinal de que o universo se constituía mais da espontaneidade e da incerteza do que da certeza da mecânica clássica. Apesar disto, Peirce não pensou que o mundo no início fosse privado de leis. Ele usou a “lei dos números elevados” de Bernoulli²⁹ para asseverar que no reino da espontaneidade há uma tendência para o reino do hábito, nomeado por ele de “tendência para a racionalização”. A partir daqui Peirce desenvolveu sua visão teleológica da evolução expressada no *princípio do agapismo*.

Peirce era considerava que a Lei da termodinâmica é insuficiente para explicar o crescimento dos organismos, a diversidade do universo e também a própria existência das leis: “Que exista um elemento arbitrário no universo, nós o constatamos – a saber: a variedade. Esta variedade deve, de alguma forma, ser atribuída à espontaneidade”³⁰.

Nessa perspectiva, parece claro que, para Peirce, a matéria também é constituída de “vida”. Por isso, ele também caracteriza a *Primeiridade* de “vida” e “sensação” (*feeling*): “O acaso é o aspecto exterior daquilo que está sentindo dentro de si mesmo”³¹. Esta fase em que prevaleceu a pura possibilidade foi o estado inicial da evolução do universo, mesmo que tenha havido, desde sempre, uma tendência para o surgimento de hábitos.

²⁸ Assim esclarece Reynolds o significado desta descoberta: “Em primeiro lugar, porque o número de moléculas é tão grande e seus movimentos são tão rápidos, temos que assumir que as interações entre as moléculas são essencialmente deixadas ao acaso (ou seja, não há nenhuma maneira de dizer de antemão que as moléculas irão colidir uma com a outra a qualquer momento)”. Ibid. p. 42.

²⁹ Esta lei foi denominada de “lei dos números elevados” em 1835 por S. D. Poisson quando ele discutia o lançamento desta Lei por James Bernoulli no ano de 1713. A lei atesta que, quanto maior é uma quantidade, maior é a probabilidade de uma possibilidade se atualizar. Podemos exemplificar esta lei da seguinte forma: o peso médio de 10 maçãs tomadas a partir de um barril de 100 maçãs é provavelmente mais perto do peso médio ‘real’ de todas as 100 maçãs do que o peso médio de 3 maçãs tomadas a partir desse mesmo barril. Isto acontece porque a amostra de 10 é um número maior do que a amostra de apenas 3 e representa melhor o grupo todo. Se você pegou uma amostra de 99 maçãs de 100 maçãs, a média seria quase exatamente o mesmo que a média para todas as 100 maçãs.

³⁰ CP 6.30.

³¹ CP 6.265. Não saberia dizer até que ponto A.N. Whitehead foi influenciado por Peirce. Em *Process and Reality*, Whitehead defende uma nova concepção de matéria, que também se caracteriza pela “vivacidade”. Na terceira parte de *Process and Reality* Whitehead escreve explicitamente sobre “Sensação” (*feeling*) quando trata da matéria. Cf. WHITEHEAD, A.N., *Process and Reality*, especialmente a Parte III: “A Teoria sobre as apreensões”.

4.2 Segundidade: a atualidade

A segunda categoria é a *Segundidade*, que representa o mundo da atualidade. Esta categoria está em estreita relação com a *Primeiridade*, pois constitui a realização da possibilidade no curso da evolução. Para Peirce, a Segundidade é o *fato* e ninguém pode discutir sobre isso. A experiência da Segundidade expressa uma pura *passividade*, o que leva Peirce a afirmar a existência de um “*brutum factum*” na relação da mente com o mundo.

Vamos começar considerando a atualidade e tentar esclarecer em que ela consiste. Se eu lhe perguntar em que consiste a atualidade de um evento, você vai me dizer que ela consiste em estar acontecendo *aqui* e *ali*. As especificações *aqui* e *ali* envolvem todas as suas relações com outros existentes. A atualidade do evento parece consistir nas suas relações com o universo dos existentes. Um tribunal pode emitir *limitares* e *sentenças* contra mim e eu não me importar nem um pouco com elas. Eu posso pensar que elas são apenas palavras dadas ao vento. Mas, quando eu sentir a mão do xerife no meu ombro, vou começar a ter um senso da realidade. A atualidade é algo *bruto*. Não há razão nela. Você pode experimentar isso colocando o seu ombro contra uma porta e tentar forçá-la a abrir-se contra uma resistência invisível, silenciosa e desconhecida. Nós temos uma dupla consciência: a do esforço e a da resistência, o que me parece chegar razoavelmente perto do sentido mais puro do que seja a atualidade. No geral, eu acho que nós temos aqui um modo de ser de uma coisa que consiste em como um segundo objeto é. Eu chamo isso de Segundidade.³²

Segundidade também pode ser explicada através da linguagem. Por exemplo, usamos em português o particípio passado com as terminações *ada*, *eda*, *ida* para dizer que algo já aconteceu como no verbo *cozido* (em inglês usa-se *ed* — *boiled*; em alemão usa-se o particípio II — *gekocht*). Quando digo em português “a água está fervida” indico um fato que pertence ao passado. Falamos então de Segundidade. Ela não mais se refere ao reino da possibilidade, mas da atualidade no tempo. Em contraste, sinaliza a frase: “a água ferve a 100° C”, uma lei que se refere a uma possibilidade de atualização futura. Nesse sentido, estamos nos referindo à *Terceiridade*³³.

4.3 Terceiridade: a “tendência para tornar-se hábito”

Peirce fala sobre a Terceiridade como o mundo das Leis, que é independente do sujeito e, portanto, real. Peirce defende a realidade deste mundo

³² Lowell lectures, CP 1.24, 1903.

³³ Cf. um interessante artigo sobre a relação entre a língua inglesa e as três categorias: ROBERTSON, John S., „The Universal Peircean Categories in the English Inflectional Morphemes *ing*, *ed*, and *s*“. In: MOORE, E.C and ROBIN, R.S. (eds.), *From Time and Chance to Consciousness: Studies in the Metaphysics of Charles Peirce*. Papers from the Sesquicentennial Harvard Congress. Berg Publishers, 1994. p. 209-220.

contra os nominalistas e salva a possibilidade da ciência assegurando uma regularidade na natureza. Esta regularidade corresponde ao resultado da tendência de “tornar-se hábito”, que existe antes mesmo do desenvolvimento de qualquer lei. Esta tendência é, pois, uma lei do Espírito, que determina todas as outras formas de regularidade seja ela material, mental ou social. Peirce chama esta tendência original de “Lei do Espírito”: “Em vez de supor que a mente é governada por uma lei mecânica cega, [a teoria de Peirce] supõe uma lei original a ser reconhecida como uma lei do espírito, a lei da associação, da qual as leis da matéria são consideradas como meros resultados especiais”³⁴.

Hábito significa para Peirce uma “generalização”, ou ainda, uma “racionalização”. Já vimos que, embora a categoria da Primeiridade expresse a espontaneidade, a liberdade e a probabilidade, nunca se encontrou um caos absoluto. Existe *ab ovo* uma tendência para a racionalização, que Peirce demonstrou com a “Teoria dos números elevados”: “acazos individuais podem ser imprevisíveis e estarem livres da lei, mas quando eles se acumulam em grande número, características de regularidade e legalidade tornam-se claras (deveríamos dizer que tornaram-se cristalizados?)”³⁵. Como afirma Reynolds, a matéria é para Peirce não mais que “espírito cristalizado”. Portanto, as leis da matéria vêm das leis do espírito.

A terceira categoria confirma a realidade do universal contra os nominalistas. Um nominalista afirma que o universal não é algo real no mundo porque não passa de um nome (*flatus vocis*). Peirce afirma, ao contrário, que o universal se refere diretamente à realidade, porque também é real. Daí deriva seu realismo escolástico. Mas, o que tem a discussão sobre os universais a ver com a categoria da Terceiridade? O universal pertence ao mundo das representações e, por conseguinte, é um predicado que pode ser aplicado a muitos casos específicos, porque se refere à realidade em si. Somente assim podem as ciências prever alguma coisa, porque elas descobrem uma regularidade no mundo na medida que elaboram hipóteses para interpretar os fenômenos. Permita-me o leitor citar um longo texto que nos fará compreender a categoria da Terceiridade.

Agora sobre a Terceiridade. Cinco minutos de nossa vida dificilmente vão passar sem fazermos algum tipo de previsão; na maioria dos casos, estas previsões são cumpridas num evento. No entanto, a previsão é de natureza geral e não pode jamais ser completamente realizada. Dizer que a previsão tem uma tendência decidida a ser realizada, quer dizer que os acontecimentos futuros são realmente regidos por uma lei. Se jogar um par de dados e aparecer o ‘seis’ cinco vezes, isto constitui uma mera uni-

³⁴ CP 6.277.

³⁵ REYNOLDS, A., *Peirce's Scientific Metaphysics: The Philosophy of Chance, Law, and Evolution*. Vanderbilt University Press. 2002. p. 157.

formidade. Os dados podem cair por acaso e aparecer o ‘seis’ mil vezes seguidas. Mas, isso não daria a mínima segurança para uma previsão de que cairia um ‘seis’ da próxima vez. Se a previsão tem uma tendência para ser realizada, é porque o evento futuro tem uma tendência para estar em conformidade com uma regra geral. Mas, ‘Oh’, dizem os nominalistas, ‘esta regra geral não é nada mais que uma simples palavra ou um conjunto de palavras!’ Eu respondo: ‘ninguém jamais sonhou negar que o universal é expresso por um sinal universal; mas, a questão é se um evento futuro se conformará a ele ou não. Se sim, seu adjetivo ‘simples’ parece estar mal colocado’. A regra para que eventos futuros tenham uma tendência para se conformar é, *ipso facto*, uma coisa importante, um elemento importante no acontecimento desses eventos. Este modo de ser que *consiste* – aceite a minha palavra se quiser – o modo de ser que *consiste* no fato de que fatos futuros da Segundidade assumirão um carácter determinado geral, que eu chamo de Terceiridade.³⁶

Esta problemática tem algo a ver com a semiótica de Peirce, pois “na sua forma genuína, a Terceiridade é a relação triádica existente entre um signo, seu objeto, e o pensamento interpretante”³⁷. O *sinal* é o melhor exemplo para ilustrar a Terceiridade, pois ele faz uma relação entre a Primeiridade e a Segundidade. Na verdade, um sinal precisa de pelo menos dois outros elementos necessários para que haja uma interpretação: um objeto e um sujeito. Os três elementos não podem ser reduzidos uns aos outros e a Terceiridade vem representada como uma *mediação* entre Primeiridade e Segundidade. “a terceira categoria é a ideia daquilo que é tal como ser um terceiro ou um meio entre um segundo e seu primeiro. Isso significa que ela é uma *representação* que constitui um elemento do fenômeno”³⁸. Esses três elementos são, para Peirce, a fonte de todo pensamento e realidade.

5. A Cosmologia de Peirce: tiquismo, agapismo e sinequismo

A filosofia de Peirce pertence àquelas chamadas “filosofias do processo”, que incorporam em si a nova concepção de evolução e, a partir daí, desenvolvem suas categorias filosóficas. Na verdade, a cosmologia de Peirce lembra aquela dos primeiros filósofos gregos que buscavam uma explicação para o universo. No século dezenove elabora-se o conceito de evolução aplicado à natureza, o que se tornou um novo paradigma de pensamento. A aplicação deste paradigma à filosofia se deve a Herbert Spencer (1820-1903), que teve a ideia de elaborar uma filosofia do processo.

³⁶ Lowell Lectures, CP 1.26, 1903.

³⁷ A Letter to Lady Welby, CP 8.331-332, 1904.

³⁸ Harvard Lectures on Pragmatism, CP 5.66, 1903.

Spencer construiu sua filosofia sobre o mecanismo e a força da natureza. Seu sistema foi um forte representante do determinismo e da filosofia mecânica. Por outro lado, Spencer tentou resolver o problema entre religião e ciência, apelando para a tese do “incognoscível”. Essa teoria foi melhor desenvolvida por Thomas H. Huxley (1825-1895), que afirmou a existência de muitos segredos na natureza, que nunca vão ser compreendidos. Dentre estes estariam incluídas a natureza última da relação entre matéria e mente, a origem da consciência etc. Emil DuBois-Reymond (1818-1896) encarnou tal ideia na expressão “*ignoramus, ignorabimus*” no momento em que elencou sete “enigmas do universo” em seu discurso na Academia de Ciência de Berlim em 1880³⁹.

Contra o determinismo, o agnosticismo e o mecanicismo surge a cosmologia evolucionária de Peirce em sua triádica manifestação: tiquismo, agapismo e sinequismo que correspondem às categorias da Primeiridade, Segundidade e Terceiridade.

5.1 tiquismo: contra o determinismo

A palavra *tiquismo* vem do grego *tyche* e quer dizer “acaso”. Recordamos a teoria de J. Monod (1910-1976) apresentada em seu livro “*Le hasard et la nécessité. Essai sur la philosophie naturelle de la biologie moderne*” de 1970. Monod começa seu livro citando Demócrito: “Tudo o que existe no universo é fruto do acaso e da determinação”⁴⁰. Com isso, afirma Monod que não há nenhuma razão teleológica, nenhum projeto para a evolução do mundo. Peirce é de outra opinião.

Certamente, o mundo não está acabado, como os deterministas pensam. Se isso fosse verdade, não haveria espaço para a liberdade, para o crescimento e a diversidade do mundo. Deve-se reconhecer que existe uma incerteza na base do universo, embora, como já visto, essa incerteza seja, desde o início, dominada por uma tendência para se criar hábitos, ou seja, por uma Lei do Espírito.

Para Peirce, não havia *nada* no início, ou, para ser mais preciso, usando a língua inglesa, não havia *no-thing*, isto é, nenhuma coisa. Isto significa que não havia nenhuma atualidade (Segundidade) e nenhum Hábito, Lei natural (Terceiridade), mas apenas possibilidade (Primeiridade). Peirce afirma, contra o determinismo, que as leis físicas não são absolutas e, portanto, deixam espaço para o acaso. Pode-se pensar numa evolução do caos para

³⁹ Cf. REYNOLDS, A., *Peirce's Scientific Metaphysics: The Philosophy of Chance, Law, and Evolution*. Vanderbilt University Press. 2002. p. 8.

⁴⁰ Cf. MONOD, J., *Le hasard et la nécessité. Essai sur la philosophie naturelle de la biologie moderne*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

a razão. O mundo ainda não está completamente determinado, porque estamos em meio à evolução. Quanto mais tempo a evolução gasta, mais determinação e menos aleatoriedade se encontram, embora este processo não conheça um fim. Deixemos o próprio Peirce esclarecer:

Deixe-me aqui dizer uma palavra sobre o tiquismo, ou a doutrina que afirma ser o acaso um fator do universo. Há uma classe de opositores a ela que estão tão impressionados com o que leram nos livros populares sobre o triunfo da ciência que eles realmente imaginam que a ciência *provou* que o universo é regido pela lei nos mais pequenos detalhes. Tais homens são teólogos, talvez, ou talvez eles tenham sido criados num ambiente onde tudo foi tão minuciosamente regulado que eles passaram a acreditar que toda a tendência que existe em tudo na natureza deve ser executada ao seu limite extremo. Ou, não conheço outra explicação para seu estado de espírito; mas eu sei uma coisa: eles não podem ser autênticos alunos da ciência física – eles não podem ser químicos, por exemplo. Eles estão errados em sua lógica. Mas há uma outra classe de opositores por quem tenho mais respeito. Eles estão chocados com o ateísmo de Lucrécio e seu grande mestre. Eles não percebem que aquilo que os ofende não é a Primeiridade na desviação do átomo, porque eles são tão advogados da Primeiridade quanto os atomistas antigos eram. O que eles não podem aceitar é a atribuição desta Primeiridade a coisas perfeitamente mortas e materiais. Neste sentido, eu quase concordo com eles. Penso, também eu, que tudo o que é Primeiro é, *ipso facto*, sensível.⁴¹

5.2 Agapismo: contra o mecanicismo filosófico

Por causa do objetivo deste artigo, discorreremos primeiro sobre a teoria do agapismo. A palavra agapismo vem do grego *agape*, que significa “amor”⁴². Esta teoria afirma a existência de uma causalidade final no universo contra a opinião de que há apenas uma causa eficiente, ou seja, uma causa cega e mecânica⁴³. Peirce trabalhou esta teoria em seu artigo “O amor evolucionário” de 1893, que apareceu no jornal *The Monist*.

⁴¹ Cambridge Lectures on Reasoning and the Logic of Things, CP 6.201, 1898.

⁴² Na realidade, esta tese remete ao filósofo grego Empédocles.

⁴³ O problema de uma finalidade na natureza constitui uma das maiores discussões no campo da filosofia biológica e física. O “princípio antrópico” encontra grande dificuldade no meio científico, porque a ciência trabalha apenas com a causalidade eficiente. Alguns filósofos, por outro lado, procuram demonstrar que a causalidade final não diz respeito apenas a um antropomorfismo, mas constitui a ligação necessária entre matéria e espírito. O primeiro filósofo moderno que procurou harmonizar causa eficiente e causa final foi Leibniz, que afirmava ser a causa eficiente o princípio da ciência empírica, uma vez que esta lida apenas com os fenômenos; enquanto a causa final pertencia ao campo da metafísica, pois esta tem como objetivo ultrapassar o fenômeno. Em minha opinião, dois importantes filósofos contemporâneos iluminaram esta problemática: do lado da biologia, Hans Jonas com seu *monismo integral* e, do lado da física, A.N. Whitehead, com sua *filosofia do processo*. Para uma iniciação de seus pensamentos recomendo: BLANDINO, G., *Vita, Ordine, Caso*.

A tendência para se criar hábitos, isto é, a Lei do Espírito já foi discutida acima, quando afirmamos que Peirce empregou a “Lei dos números elevados” para evitar o puro acaso e confirmar a teoria da probabilidade. Mas, se é correto afirmar que uma grande probabilidade não corresponde à causa eficiente, também será correto sustentar que a tendência de formar hábito tem algo a ver com a causa final. Em outras palavras, o objetivo dessa tendência para Peirce, é a racionalização ou, neste caso, o amor. O amor movimenta por atração, o que significa dizer que, na evolução, a causa mais importante não é a eficiente, mas a final.

Peirce compara o amor egoísta e competitivo das pessoas, confirmado pelo liberalismo econômico e pelo “struggle for live” de Darwin, com o amor de Deus, do qual trata o Evangelho de João: “isto é o que vos mando: que vos ameis uns aos outros” (Jo 15, 17). Peirce chama o primeiro de “Evangelho da ambição” e o segundo de a “Regra de Ouro”. O primeiro amor move-se em círculo, enquanto que o segundo corresponde ao *amor evolutivo*. A questão é: que tipo de amor leva ao progresso da humanidade de acordo com uma perspectiva metafísica e não somente histórica?

Peirce comenta as três principais teorias sobre o motor da evolução: 1) a evolução por variação aleatória: “evolução ticástica” ou *Ticasmo*; 2) a evolução por necessidade mecânica: “evolução anancástica” ou *Anancasmo* e 3) a evolução por amor criativo: “evolução agapástica” ou *Agapasmo*. Cada uma destas três espécies tem um representante, respectivamente: Darwin, Hegel e Lamarck. De acordo com Peirce, a teoria de Darwin concorda com o primeiro tipo em que apenas o individualismo mecanicista concede progresso à evolução. Hegel preenche os requisitos da segunda hipótese, pois tudo, incluindo a história humana, é derivado de uma necessidade lógica. Por último, a teoria de Lamarck corresponde ao último tipo de amor, na medida em que assevera uma finalidade em todo processo evolutivo.

Estes três tipos de evolução não estão errados, mas somente o *Agapasmo* pode incluir os outros tipos. Seja o *Ticasmo*, seja o *Anancasmo* são “formas degeneradas” do *Agapasmo*⁴⁴ que sozinhas não se enquadram na realidade da evolução: “Isto só mostra que, assim como o amor não pode ter um contrário, mas deve abraçar o que é mais oposto a ele, isto é, como um caso degenerado dele, do mesmo modo o *Ticasmo* [mas também o *Anancasmo*] é uma espécie de *Agapasmo*”⁴⁵. Então, o que distingue esses

Morcelliana, Brescia 1967; DONNELLEY, S., “Natural Responsibilities: philosophy, biology, and ethics in Ernst Mayr and Hans Jonas” *Hastings Center Report* 32, n. 4 (2002); DONNELLEY, S., *Whitehead and Hans Jonas: Organism, Causality, and Perception in New School for So. Res.* p. 301-310; LA VECCHIA, M. T., *Questioni bioetiche al limite tra la filosofia e la scienza*. apostila; MARCOZZI, V., *Caso e finalit *. Milano, 1976; WHITEHEAD, N. A., *La Scienza e il Mondo Moderno*, Torino, 1979. JONAS, H., *Das Prinzip Leben. Ans tze zu einer philosophischen Biologie*. Insel Verlag, 1994.

⁴⁴ Evolutionary Love, CP 6.303.

⁴⁵ *Ibid.* CP 6.304.

três estágios de evolução? Segundo Peirce, não há fronteira clara e visível, mas algumas características fazem a diferença. Peirce explica:

A evolução anancástica avança por passos largos e sucessivos, mas com pausas entre eles [...]. Esta característica, portanto, distingue claramente o anancismo do ticismo. O caráter que distingue este do agapasmo é haver um propósito.⁴⁶

No próximo ponto abordamos a última categoria cosmológica: o sinequismo. Essa está diretamente ligada ao idealismo objetivo de Peirce.

6. O sinequismo e o idealismo objetivo de Peirce

A palavra sinequismo também vem do grego *syneche* que significa “continuidade” ou “interdependência” ou “ininterrupção”. Peirce defende uma continuidade entre matéria e espírito contra o dualismo e o agnosticismo, que afirmam o fato de que a natureza da relação entre matéria e espírito está fora do alcance da humanidade.

Sinequismo, mesmo nas suas formas menos robustas, não pode suportar o dualismo propriamente dito. [...] Em particular, o sinequista não quer admitir que os fenômenos físicos e psíquicos são totalmente distintos, – seja pertencendo a diferentes categorias de substância ou a lados inteiramente separados de um escudo – mas vai insistir que todos os fenômenos são de uma mesma propriedade, embora alguns sejam mais mentais e espontâneos, outros mais materiais e regulares. [...] Nem deve um sinequista dizer: ‘Eu sou totalmente eu mesmo e, de forma alguma, você’. [...] O Sinequismo se recusa a acreditar que quando a morte chega, mesmo a consciência carnal cesse rapidamente.⁴⁷

A categoria do sinequismo significa, portanto, a confirmação de um monismo. Na verdade, Peirce afirma: “o que nós chamamos de matéria não é completamente morta, mas é apenas mente solidificada através de hábitos”⁴⁸. Peirce é tão convencido disto que afirma: “A única teoria inteligível do universo é a do idealismo objetivo, em que a matéria é mente solidificada, hábitos inveterados tornando-se leis físicas”⁴⁹.

Neste ponto da filosofia de Peirce, torna-se patente a base metafísica de seu Pragmaticismo, ou seja, uma consideração metafísica da “natureza da natureza” a partir do ponto de vista da matemática e da lógica. Na

⁴⁶ *Ibid.* CP 6.31.

⁴⁷ Immortality in the Light of Synechism, EP 2:2-3, 1893.

⁴⁸ CP 6.158.

⁴⁹ CP 6.25.

verdade, pode-se sustentar que há uma relação entre o Peirce precoce com o empirismo britânico, enquanto predomina uma estreita relação entre o Peirce tardio com a filosofia da natureza alemã. Não é por nada que Andrew Reynolds define a metafísica de Peirce nos seguintes termos: “*ela é o encontro entre o idealismo dialético de Hegel com a evolução darwiniana e a termodinâmica estatística*”⁵⁰. Não obstante, o próprio Andrew reconhece também que o sistema de Peirce é mais próximo de Friedrich Schelling do que de Hegel e mais ligado a Lamarck do que a Darwin. Peirce mesmo disse certa vez a William James: “Se você chamasse minha filosofia de um schellinismo transformado à luz da física moderna, eu não iria condená-lo”⁵¹.

Por outro lado, Peirce não retoma tudo do idealismo, especialmente daquele de Hegel. Ao contrário, ele é tão crítico frente ao idealismo que se considera um realista na mesma linha do realismo escolástico, apesar de seu realismo não se voltar contra o idealismo, mas contra o nominalismo: “Em sentido próprio o realismo é uma espécie de idealismo. É a doutrina de que as ideias desempenham um papel no mundo real”⁵².

Neste ponto deve-se levantar a questão: não é o idealismo uma espécie de antropomorfismo? Não é o caso que nós projetamos nossa mente sobre a matéria cega? Como pode Peirce escapar dessa crítica? Esta é realmente a grande oposição que se faz ao idealismo ou a algum tipo de discurso sobre uma finalidade na natureza. Peirce afirma:

Eu ouço você dizer: ‘Isto cheira demais a uma concepção antropomórfica’. Eu respondo que cada explicação científica de um fenômeno natural é uma hipótese de que há algo na natureza para o qual a razão humana é análoga; e que isto realmente seja assim, são testemunhas todos os sucessos da ciência em suas aplicações à conveniência humana.⁵³

No final, Peirce acredita que o único modo de afirmarmos que podemos compreender o mundo, é reconhecendo que este mundo não pode ser irracional, nem a matéria ser contraposta ao espírito. O mundo precisa ser inteligível em si mesmo, se realmente quisermos falar sobre ele, e a prova disto é o fato de que nossas teorias sobre a realidade trazem resultados práticos. Se nossos pensamentos e teorias não apreendessem o mundo mesmo, então não poderíamos esperar nada. Pelo contrário, esse fato é a razão pela qual a ciência e a tecnologia podem desenvolver-se e nós podemos afirmar que hoje conhecemos a natureza do universo melhor do que nossos antepassados.

⁵⁰ Cf. REYNOLDS, A., *Peirce's Scientific Metaphysics: The Philosophy of Chance, Law, and Evolution*. Vanderbilt University Press. 2002. p. 6.

⁵¹ CP 6.415.

⁵² Microfiche version of the Peirce manuscripts in Houghton Library, Harvard University. 967, p.1.

⁵³ CP 1.316.

7. Conclusão

Peirce, por vezes, fala de metafísica de uma forma positivista. Para ele, quase todas as afirmações da metafísica clássica são sem sentido ou absurdas, porque as proposições são explicadas através de outras proposições sem referir-se à realidade. Ele, ao contrário, faz um esforço para elaborar uma metafísica científica através de seu método pragmático.

Mas será que Peirce teve sucesso nesta empreitada? Terá ele realmente elaborado uma “metafísica pragmática”? De fato, muitos filósofos criticam a síntese feita por Peirce, afirmando que os dois Peirces, isto é: o naturalista e o transcendentalista lutam entre si⁵⁴. O naturalista desenvolveu um método pragmático que se aproxima do método positivista e que se move em direção ao nominalismo. O transcendentalista elaborou uma metafísica próxima ao idealismo e que se move em direção ao intuicionismo. A síntese parece quase impossível e, certamente, Peirce não chega a explicar totalmente esta relação, como atesta Copleston: “Duas coisas são claras, de qualquer modo: em primeiro lugar, que o próprio Peirce não completou esta síntese; e, em segundo lugar, que nenhuma síntese é possível se o princípio pragmático for compreendido de tal forma que conduza diretamente para neopositivismo”⁵⁵.

Apesar disto, a tentativa de Peirce representa uma grande contribuição na história da filosofia. Desta contribuição, beneficia-se tanto a ciência com seu método empírico — na medida em que Peirce exige um tipo de metafísica melhor capacitado para compreender a experiência humana — quanto a metafísica com sua forma de justificação última — na medida em que ajuda o filósofo a controlar suas fantasias. No final, Peirce convida a continuar a interação entre os dois tipos de ciência.

Além disso, a *filosofia do processo* de Peirce contribui para uma melhor compreensão da re

lação entre verdade e razão humana, na medida que confirma a existência de uma verdade absoluta e objetiva, sem com isso anunciar uma total posseção da verdade pela razão humana. A metafísica transforma-se, assim, numa cidadã no mundo do conhecimento e não mais numa rainha tirana!

⁵⁴ EP, Introduction de Nathan Houser, p. xxviii.

⁵⁵ COPLESTON, F., *A History of Philosophy*, vol. VIII. Image Books, 1967. p. 327.

Bibliografia

Collected Papers of Charles Sanders Peirce, edited by C. Hartshorne, P. Weiss (B. 1-6), and A. Burks (B. 7-8) (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-58); Esta obra está citada neste artigo com a sigla CP.

The Century Dictionary, William D. Whitney, chief editor, 10 vol. (New York: The Century Co., 1895).

The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings, (aqui citado com a sigla EP) edited by Nathan Houser and Christian Kloesel (vol. 1), (Bloomington: Indiana University Press, 1992), e a Peirce Edition Project (vol. 2), (Bloomington: Indiana University Press, 1998).

Writings of Charles S. Peirce: A Chronological Edition, edited by Max Fisch, Christian Kloesel and Nathan Houser et al. (Bloomington: Indiana University Press, 1982).

REYNOLDS, A., *Peirces Scientific Metaphysics: The Philosophy of Chance, Law, and Evolution*. Vanderbilt University Press. 2002.

MOORE, E.C and ROBIN, R.S., *From Time and Chance to Consciousness: Studies in the Metaphysics of Charles Peirce*. Papers from the Sesquicentennial Harvard Congress. Berg Publishers, 1994.

MONOD, J., *Le hasard et la nécessité*. Essai sur la philosophie naturelle de la biologie moderne. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

COPLESTON, F., *A History of Philosophy*, vol. VIII. Image Books, 1967.

ABBAGNANO, N., *Storia della Filosofia*. vol. III. Torino, 1993.

FORNERO, G. e TASSINARI, S., *Le filosofie del Novecento*. vol. I. Bruno Mondadori, 2002.

BORRADORI, G., *A Filosofia americana*. Conversações com Quine, Davidson, Putnam, Nozick, Danto, Rorty, Cavell, MacIntyre e Kuhn. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

HÖSLE, V., *Die Krise der Gegenwart und die Verantwortung der Philosophie: Transzendentalpragmatik, Letztbegründung, Ethik*. München: Beck, 1997.

Endereço do Autor:

Rod. Palmeirais PI 130, Km 8

Cx. P. 496

64034-070 Teresina – PI